

Resenha

MARQUES, Ivan. *Modernismo em revista. Estética e ideologia nos periódicos dos anos 1920*. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2013.

Com as comemorações, em 2012, dos noventa anos da Semana de Arte Moderna, era natural que obras sobre o tema surgissem em profusão, como de fato tem acontecido desde aquela época. Um dos livros mais originais, contudo, surgiu quase um ano após a data comemorativa - trata-se de um estudo sobre os principais periódicos literários da época, todos eles direta ou indiretamente vinculados ao modernismo literário. Escrito pelo jornalista e pesquisador Ivan Marques, *Modernismo em revista. Estética e ideologia nos periódicos dos anos 1920* aborda um período que se estende de 1922 até 1928, buscando refletir sobre as revistas "modernistas" produzidas principalmente no eixo São Paulo- Rio-Minas.

O autor começa afirmando que os diversos períodos modernistas das primeiras décadas do século XX apontam para o fenômeno das *vanguardas em movimento*, fenômeno evidente no Brasil, onde as revistas atuam de forma abrangente na consolidação, divulgação e discussão dos princípios modernistas. O objetivo do autor, nesse sentido, é estudar alguns dos principais periódicos produzidos durante o período "heroico" do modernismo brasileiro (1922-1928), focando, assim, os mais atuantes e de maior repercussão e deixando de lado outros que ou não tiveram o alcance daqueles estudados por ele (*Novíssima, Movimento Brasileiro*) ou não se constituíam em revistas totalmente modernistas (*Revista do Brasil*).

Continuando uma tradição que já vinha do século XIX, sobretudo em razão do desenvolvimento da indústria editorial, as revistas modernistas - explica o autor - apresentavam propósitos distintos dos periódicos que as precederam (*Kósmos, Careta, Fon-Fon, O Malho* etc.), atingindo, além disso, um público mais restrito, um dos motivos de sua curta duração. Afirmam-se, contudo, como espaço de reflexão e de experimentação, suprimindo, por isso e de certo modo, a carência de livros, que ainda enfrentavam dificuldades de publicação/distribuição.

Tratando da revista Klaxon (1922-1923), o autor destaca seu propósito renovador e

Revista Língua & Literatura	FW	v. 16	n. 26	p. 220-222	Recebido em: 31 mar. 2014. Aprovado em: 29 jul. 2014.
-----------------------------	----	-------	-------	------------	--

polêmico, no rastro da Semana de Arte Moderna, cujos princípios, de certa maneira, o modo, representava, procurando, assim, "dar forma, fundamento e consistência ao nosso nascente ideário modernista" (p. 29). Esse autêntico *órgão de combate*, como o define o autor, trazia ainda, em seu bojo, aspectos do ideário futurista (tanto em poemas de Mário de Andrade quanto de Luiz Aranha), rótulo aliás rejeitado pelos modernistas. Adotando o *blague* e o sarcasmo, os modernistas de primeira hora buscavam, na *Klaxon*, combater a tristeza e a melancolia tanto da Primeira Guerra quanto dos poetas românticos e finisseculares. Com *Estética* (1924-1925), criada por Prudente de Moraes, neto e Sérgio Buarque de Holanda, há uma continuidade dos princípios modernistas da Semana, inclusive com repercussões da estética futurista, embora com menos ousadia/irreverência gráfica. Não obstante, *Estética* inaugura a polêmica e a cisão entre alguns dos modernistas, inclusive voltando algumas de suas críticas para a produção deles próprios. Trata-se, assim, de uma busca da maturidade do movimento modernista, tudo mesclado a um difuso *espírito nacionalista*, outra marca recorrente da revista, cada vez mais presente em suas páginas.

Com *A Revista* (1925-1926), de um grupo de escritores mineiros (Drummond, João Alphonsus, Emílio Moura, Pedro Nava, Cyro dos Anjos e outros) verifica-se um processo de interiorização do movimento modernista, agora apresentando-se de forma mais comedida e conciliatória, caminho que, de certo modo, teve continuação em *Terra Roxa e Outras Terras* (1926), mas, nesta, pela adoção do conceito de *brasileirismo*, apesar das discordância que ele desencadeava no meio modernista.

A revista *Verde* (1927-1928; 1929), curiosamente produzida no interior de Minas, resgata, de alguma maneira, a irreverência combativa dos primeiros modernistas e de seus primeiros periódicos (como *Klaxon*). Insuflada por Ascânio Lopes e encabeçada por Rosário Fusco, esse periódico recupera, ainda, o espírito vanguardista dos primeiros tempos (publica, por exemplo, capítulo inédito de *Macunaíma*). Já a revista *Festa* (1927-1928; 1934-1935), embora também se autoproclamasse uma revista crítica e vanguardista, foi mais discreta, seguindo assim o perfil de seus fundadores (Tasso da Silveira e Andrade Muricy). De certa maneira, representa a vertente espiritualista do modernismo, com, por exemplo, a valorização do Simbolismo e a participação intensa de Cecília Meireles, tornando-se, inclusive, relativamente marginal em relação às vozes centrais do

modernismo.

Finalmente, com a *Revista de Antropofagia* (1928) o período áureo do movimento modernista se encerra. Encabeçada por Oswald de Andrade, a revista revitaliza aspectos da vanguarda de primeira hora, mas agora temperada pela tensão provocada por seu idealizador, que não media esforços para instaurar em suas páginas o espírito polêmico, a irreverência irônica, a ruptura de regras etc.

Para o autor, os periódicos aqui estudados espelham bem alguns aspectos do espírito modernista, como a *alegria* que esteve presente ao longo de todo seu processo de instauração e consolidação, sentimento que atuava como contrapartida do espírito romântico e parnasiano. Embora centrados na literatura, o propósito dos periódicos modernistas era mais largo, não se limitando à literatura propriamente dita - defendiam o que se pode chamar de *espírito nacional*, dando sequência a uma tendência que já se iniciara com alguns pré-modernistas (Lima Barreto, Euclides da Cunha etc.), sentimento que, de certo modo, está sintetizado e radicalizado na *Revista de Antropofagia*.

O livro vale pelos muitos méritos que possui, entre eles tratar de um assunto não muito explorado nas pesquisas e publicações acerca do movimento modernista no Brasil. Além disso, o que revela-se bastante útil ao leitor e ao pesquisador da área, traz uma pequena antologia de textos publicados nalgumas das revistas estudadas, nem sempre facilmente acessíveis ao grande público.

Maurício Silva, Doutor em Letras Clássicas e Vernáculas pela Universidade de São Paulo.
Professor do Programa de Mestrado e Doutorado em Educação na
Universidade Nove de Julho (São Paulo). E-mail: maurisil@gmail.com